



"Um pouco do Cinema no Pará"

Pedro Veriano

Médico. Crítico de Cinema de "A Província do Pará". Pesquisador do Cinema Brasileiro. Fundador do Cinema Clube da APCC, sendo o atual presidente desta entidade.

Em 1868 esteve em Belém um espanhol com um projetor de cosmoramas (lâminas de vidro colocadas em uma "lanterna mágica"). Exibiu-se no Teatro Providência, próximo do Largo das Mercês, no bairro do comércio. Foi só uma sessão em um dia. Mas o sucesso foi tão grande que o dono do teatro inventou uma nova sessão, dois dias depois, sem o projetor. Explico: como o tema dos cosmoramas era a Guerra do Paraguai, o dono do teatro anunciou a exibição de uma cabeça, separada do corpo durante a guerra, disposta a falar, respondendo perguntas da platéia. E mais: premiava com 1 conto de réis quem descobrisse o truque da "cabeça que fala". Inventava-se, assim, a exibição de imagens projetadas (embora fixas) e a publicidade do ramo (com toda a estratégia marota que se intensificou mais tarde).

Thomas Edison inventou o filme perfurado com a série de fotos (fotogramas) iludindo o movimento numa certa cadência de passagem (a exploração do fenômeno "persistência retiniana", ou a incapacidade do olho humano em discernir imagens que se passam à determinada velocidade), e os irmãos Louis e Auguste Lumière projetaram isso tudo. O período 1893-1895 foi o da gestação do que se vê como Sétima Arte: a concepção, ou seja, toda a mecânica que levou a Edison e Lumière, é uma longa história.

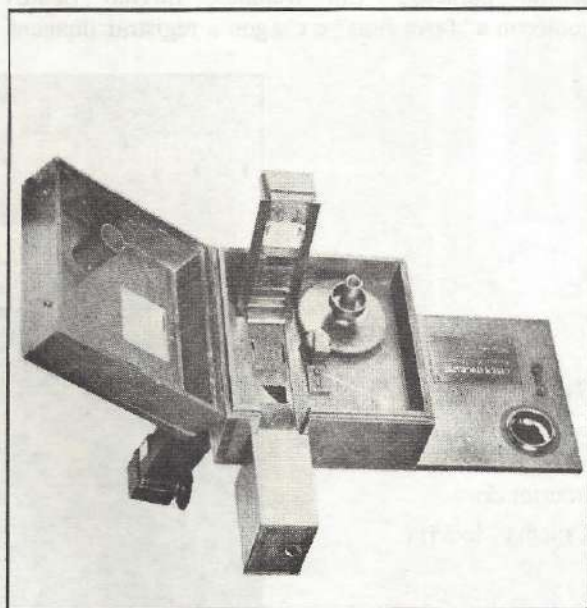
Existindo o cinema em 1896, o fato de ganhar o mundo foi questão de velocidade dos meios de comunicação. Os Lumière mandavam agentes para diversos países, filmando e projetando na mesma caixa. Edison detinha os Lumière nos Estados Unidos e empurrava os seus aparelhos pelos continentes.

Sabe-se que o primeiro filme feito no Brasil foi em 1897 (pensava-se que tinha sido em 1898). Quem foi o cineasta, é interrogação. Recentemente encontraram o anúncio de uma exibição cinematográfica em Petrópolis (RJ) com "cenas dos bondes" de lá.

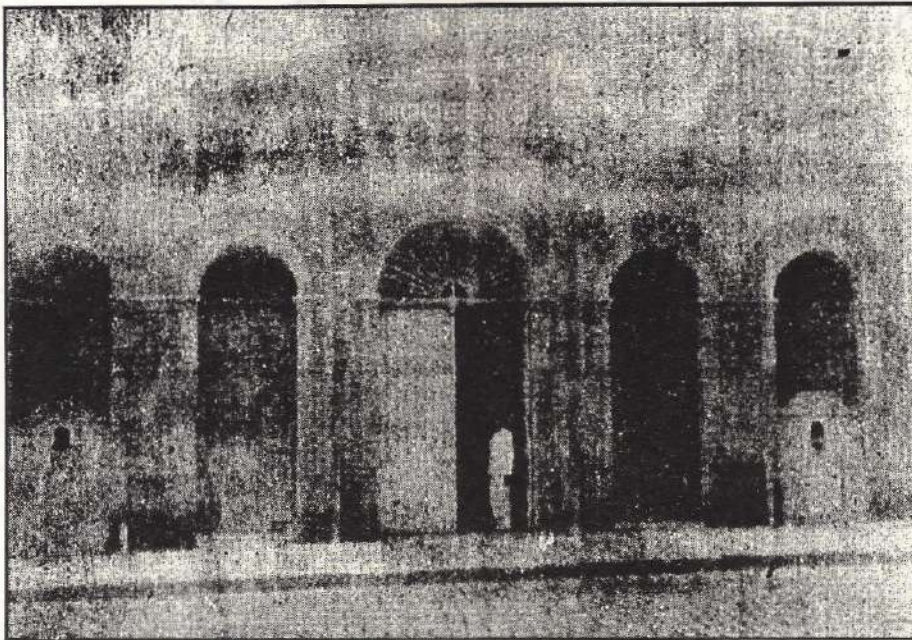
Numa pesquisa que eu fiz sobre a história do cinema no Pará, encontrei menção de um aparelho Biograph (de Edison) e em seguida um Cinematographo (dos Lumière), na festa de Nazaré (arraial) de 1903. Pode até não ter sido a nossa

primeira sessão; a importância econômica da região da borracha, no período, leva a crer que alguém tenha chegado ainda no século XIX com um aparelho de filmar e projetar, exibindo-se ou não na Festa do Círio. O certo é que a filmagem aconteceu antes de outubro de 1903. Na sessão noticiada pela "Província do Pará" de 18/10/1903, está, no programa, o filme que "representava a pororoca, esse bello phenomeno da natureza..." O problema é saber se as imagens eram, de fato, da nossa pororoca. Os cinegrafistas pioneiros usavam de artifícios para vender sua mercadoria: há quem duvide dos bondes de Petrópolis... O estranho é mostrar alguma coisa da Amazônia para o amazônida sem crítica. Dá para apostar na sinceridade do exibidor (e, naturalmente, do produtor).

O Café Popular foi o primeiro pouso do cinema. Lá ficou o Biograph por algum tempo. Depois, o lugar das sessões passou a ser o Theatro Chalet, no Largo de Nazaré (mais tarde Cinema Moderno). Ainda funcionava quando Joaquim Llopis inaugurou os seus cinemas: Rio Branco, na 28 de setembro, e Odeon, em Nazaré. Llopis comerciava borracha e foi buscar em Barcelona um contêrrâneo,



O Cinematographo

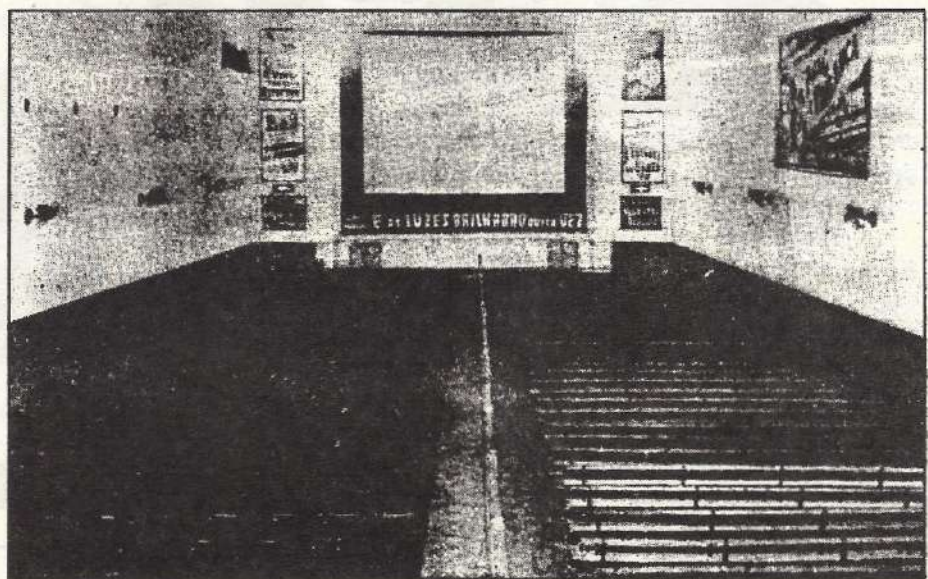


“Teatro Chalet” que passou ser chamado “Moderno”

Ramon de Baños, para fazer um filme sobre o seu comércio. De Baños fazia a fotografia dos filmes de seu irmão, Ricardo, e era muito jovem quando desembarcou do navio “Rio Negro” no porto de Belém, em 1909. Trazia o “último grito” em filmadora e deve ter tomado açaí ainda no porto. Parou no Pará por um tempo, fazendo até um cine-jornal (Pará Jornal) de circulação mensal, e só não ficou morando por culpa da malária que o atacou em 1913, quando quis explorar os rios da região com a sua câmera, contratado por um órgão do Estado.

Ramon de Baños custou a ter um substituto na capital paraense. Em Manaus, Silvino Santos começou a “fazer fitas” e chegou a registrar imagens

paraenses, como a praia do Chapéu Virado, no Mosqueiro. Em 1925, um anônimo exibiu no arraial de Nazaré (sempre o arraial) um filme de média metragem intitulado “Os Milagres de N. S. de Nazaré”. Contava toda a lenda de Plácido, o caboclo que achou a imagem da Santa, passava pela reconstituição dos primeiros Círios, documentava a devoção do povo. Eu entrevistei espectadores do filme, que se lembravam de detalhes, como os anjos carregando a pequena estátua de madeira de volta a seu nicho todas as vezes que de lá era removida. Ninguém soube dizer quem foi o realizador, se do Pará ou de outro Estado, e que fim levou o filme, só exibido numa barraca em alguns dias de outubro.



Interior do Cinema Moderno



A última fase do "Moderno"

Em 1939, Libero Luxardo, cineasta paulista que tinha filmado em Mato Grosso com Alexandre Wulfes, um documentarista, coisas pretensiosas como a versão de "A Retirada da Laguna" do Visconde de Taunay (nome do filme: "Alma do Brasil") visitou a cidade. A um repórter disse estar "maravilhado com o cenário". Resultado: ficou. Durante a guerra tinha um estúdio em Nazaré. Tentou um longa metragem que não deu certo ("Amanhã nos Encontraremos"). Fez política seguindo Magalhães Barata. Só deixou em 1962, quando resolveu voltar ao cinema, produzindo e dirigindo 4 longas-metragens: "Um Dia Qualquer", "Marajó, Barreira do Mar", "Um Diamante e 5 Balas" e "Brutos Inocentes". Morreu aqui, há 15 anos.

Claro que se fez mais cinema. E não existe tradição paraense no ramo. Tem, sim, de exibição. O Olímpia, antes com "y", é o cinema mais velho do país (83 anos). Considere-se que nunca saiu do lugar ou mudou o nome. É motivo de orgulho para os cinéfilos locais, gente que manteve um cine-clube por quase 20 anos, que exibiu bons cinemas fazendo até comício na rua, e que, apesar de aplaudir os Van Damme que chegam, tem muitas esperanças de viver muito mais cinema no século II.



Sala de Espera do Olympia - 1912